

8º ANO

1º BIMESTRE

MATERIAL

Rioeduca

NOME: _____

ESCOLA: _____



Educação

SUMÁRIO

6 UNESCO ANUNCIA RIO COMO PRIMEIRA CAPITAL MUNDIAL DA ARQUITETURA

7 O PRIMEIRO JORNAL IMPRESSO NO BRASIL

7 NOTICIA

8 COMS COMEMORA SEMANA MUNDIAL DE IMUNIZAÇÃO

9 O MISTÉRIO DAS PALAVRAS

10 ANÚNCIO PUBLICITÁRIO -HAVAIANAS

10 ABAPORU

11 A OUTRA NOITE

12 O AMOR RECICLADO

13 HISTÓRIA EM QUADRINHOS – BICHINHOS DE JARDIM

13 HISTÓRIA EM QUADRINHOS - CALVIN E HAROLD

14 HISTÓRIA EM QUADRINHOS- CHIQUINHA

16 A FUNÇÃO DA ARTE/1

18 MANEIRA DE AMAR

19 HISTÓRIA EM QUADRINHOS - OTTO E HEITOR

20 HISTÓRIA EM QUADRINHOS- MENINA E A ÁRVORE

20 HISTÓRIA EM QUADRINHOS – BICHINHOS DE JARDIM

21 NÚMEROS INTEIROS POSITIVOS E NEGATIVOS

22 LOCALIZANDO NÚMEROS INTEIROS ($\mathbb{Z}$) NA RETA NUMÉRICA...

24 OPERAÇÕES COM NÚMEROS INTEIROS: ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO

29 GRANDEZAS: COMPRIMENTO, MASSA E CAPACIDADE

26 EXPRESSÕES NUMÉRICAS COM ADIÇÕES E SUBTRAÇÕES DE NÚMEROS INTEIROS

27 MULTIPLICAÇÃO COM VÁRIOS FATORES

28 POTENCIAÇÃO COM NÚMERO INTEIRO NA BASE

30 PENSAMENTO ALGÉBRICO

32 ÂNGULOS

33 SOMA DOS ÂNGULOS INTERNOS DE UM TRIÂNGULO

34 ÂNGULOS FORMADOS POR RETAS PARALELAS CORTADAS POR UMA TRANSVERSAL

35 PORCENTAGEM

36 MICROSCÓPIO: DESCOBRINDO A UNIDADE DA VIDA

37 POR DENTRO DAS CÉLULAS

40 ORGANIZAÇÃO BIOLÓGICA DOS SERES VIVOS

VACINAS SÃO SEGURAS E EFICAZES

44 O QUE SÃO ECOSSISTEMAS?

SUMÁRIO

45 ECOSSISTEMAS DA MATA ATLÂNTICA

46 BIOMAS BRASILEIROS – MATA ATLÂNTICA

47 IMPACTOS AMBIENTAIS NOS BIOMAS

49 O QUE VOCÊ SABE SOBRE O BRASIL?

49 BRASIL: LOCALIZAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO

50 FORMAÇÃO DA SOCIEDADE E DO TERRITÓRIO BRASILEIRO

52 A POPULAÇÃO BRASILEIRA

54 BIOMAS BRASILEIROS: CARACTERÍSTICAS FÍSICO-NATURAIS E USO SUSTENTÁVEL

56 BRASIL: ESPAÇO RURAL E ESPAÇO URBANO

57 BRASIL: COMUNICAÇÃO, TRANSPORTES E HIERARQUIA URBANA

61 A CRISE DO SÉCULO XIV

61 O SURGIMENTO DA MODERNIDADE

62 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DAS SOCIEDADES AFRICANAS

63 O REINO DE GANA, A “TERRA DO OURO”

64 O REINO MALI

64 OS GRIÔS E A HISTÓRIA DA ÁFRICA

65 JONGO: HERANÇA CULTURAL DOS POVOS BANTOS

66 AS CIVILIZAÇÕES DA AMÉRICA: OS MAIAS

66 OS ASTECAS

67 OS INCAS

68 RENASCIMENTO CULTURAL E CIENTÍFICO

69 O HUMANISMO

71 FORMAÇÃO DAS MONARQUIAS ABSOLUTISTAS

73 GABARITO
74 LÍNGUA PORTUGUESA

75 GABARITO MATEMÁTICA
76

77 GABARITO CIÊNCIAS

78 GABARITO GEOGRAFIA
79

80 GABARITO HISTÓRIA

A crise do século XIV

Entre os anos 1000 e 1300, a Europa viveu um período de prosperidade, baseado no crescimento da população, das cidades e das atividades comerciais. Em meados do século XIV, porém, iniciou-se uma crise marcada pela fome, por doenças, guerras e revoltas sociais.

Por volta de 1315, devido a alguns anos de más colheitas, em razão de chuvas torrenciais, associado ao uso dos campos para a criação de ovelhas, para a extração de lã, uma crise de fome matou milhares de pessoas.

Além disso, na época, a Europa sofreu uma epidemia da Peste Negra, hoje conhecida como peste bubônica. A doença espalhou-se da Ásia até a Europa, provavelmente por meio de embarcações comerciais.

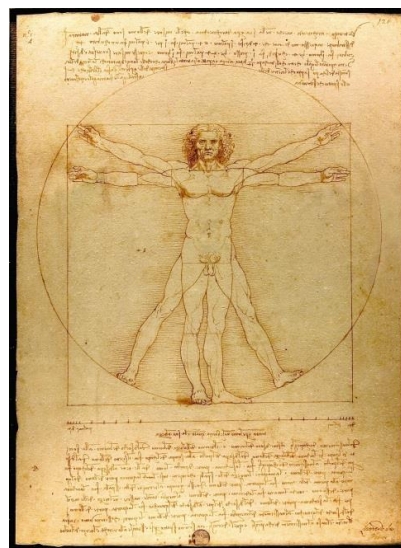
Transmitida pela pulga dos ratos, a Peste se alastrou rapidamente, em grande parte pela falta de higiene das cidades europeias, associada à situação de superpopulação, que elas viviam. As consequências foram sentidas quase de forma imediata. Comunidades inteiras foram dizimadas, deixando áreas rurais e urbanas desabitadas. Em seis anos, a doença vitimou um quarto de toda a população da Europa.

A situação foi ainda agravada pela série de conflitos envolvendo Inglaterra e França, conhecida como **Guerra dos Cem Anos**, que provocou a destruição dos campos cultiváveis, além de ajudar a disseminar a peste pelas aldeias.

Esse cenário de fome, peste, guerras, falta de mão-de-obra nos campos e queda da produção agrícola fez com que reis e nobres tentassem compensar seus prejuízos, elevando os impostos e aumentando o controle sobre os camponeses. Os camponeses reagiram e promoveram revoltas, nas quais incendiaram castelos, mataram nobres e procuraram negociar melhores condições para si. Apesar de terem sido sempre reprimidos com êxito pelos exércitos reais e pelos nobres, essas revoltas serviram para enfraquecer a servidão na Europa.

O surgimento da modernidade

A palavra “moderno” é de origem latina – *modernus* – e significa “recentemente”. No século XVI, esse termo passou a ser utilizado na Europa por homens que se viam como inovadores, modernos, transformadores. Eles, que eram pensadores, artistas e pintores do chamado Renascimento, acreditavam que estavam rompendo com o passado medieval, marcado, na visão deles, pela pobreza, intolerância e obscurantismo, ou seja, pela ignorância, uma vez que nela não teriam sido estimuladas a literatura, a arte e a ciência. Além disso, havia ainda a força do pensamento religioso, orientado pela Igreja católica, que influenciava a forma de viver e o pensamento dos europeus. Apesar disso, a expressão **Idade Moderna** é utilizada pelos historiadores para se referir ao período da história da Europa entre os séculos XV e XVIII.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%A9ria_da_arquitetura#/media/Ficheiro:Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg



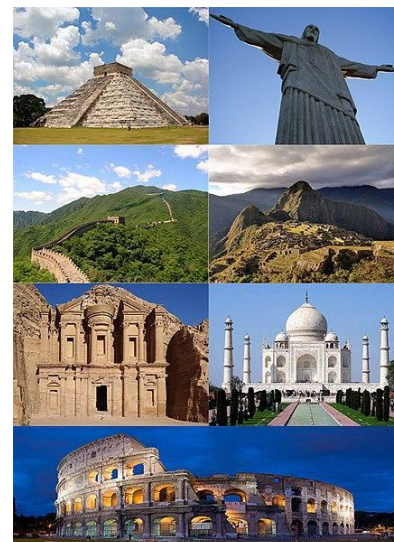
Hoje em dia, sabemos que a Idade Média, mesmo considerando as dificuldades vividas pelas pessoas, foi um período de muitas realizações e transformações na história da Europa, como, por exemplo, o surgimento das universidades e as inovações tecnológicas no campo, com o moinho e o arado de ferro, que melhoraram os resultados da produção agrícola e contribuíram para o crescimento das atividades comerciais.

ESPAÇO PESQUISA

A palavra **moderno** é usada para falar sobre algo novo ou recente. Por isso, atualmente, é comum ouvirmos expressões como “prédio moderno”, “roupa moderna”, para falar de coisas novas. Já a ideia de **modernidade** é usada para fazer referência a um longo processo histórico, que teria tido início na Época Moderna e que prosseguiria até os dias de hoje.

Em 2005, uma organização suíça lançou, por meio da internet, uma seleção para eleger as **Sete Maravilhas do Mundo Moderno**, uma revisão da lista conhecida como as Sete Maravilhas do Mundo Antigo. No total, 200 monumentos foram inscritos e, após dois anos, a lista dos 7 vencedores foi apresentada ao público em 2007.

As Sete Maravilhas do Mundo Moderno estão retratadas na figura ao lado. Você consegue reconhecê-las? Sabe em que países elas ficam? Observou que uma delas fica no Brasil e, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro?



<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:New7Wonders.jpg>

01. Realize uma pesquisa sobre as Sete Maravilhas do Mundo Moderno. Escolha um dos sete monumentos e procure informações sobre ele: localização, ano de construção, história e características. Reúna essas informações em um cartaz e, depois, divulgue o cartaz na escola, para que outras pessoas tenham acesso às informações.

Organização social e política das sociedades africanas

Atualmente, 54 países existem no continente africano. Nesse território com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, vivem cerca de 1 bilhão de pessoas. Hoje, como no passado, esse continente possui grande diversidade de paisagens, culturas e povos. Cada um deles com suas próprias tradições, línguas, crenças religiosas, organização social e política.

A África possui estreita relação com a formação do Brasil, uma vez que, desde o século XVI, homens e mulheres africanos foram escravizados e obrigados a trabalhar aqui. Por conta desse processo histórico, a cultura brasileira carrega tantos elementos da cultura africana, além do que o Brasil é o país com a maior população negra fora da África.

No século XV, os contatos entre europeus e africanos se intensificaram. Junto com esses contatos, surgiram muitas visões sobre os povos que habitavam o continente africano. Os europeus, principalmente os portugueses, motivados por uma crença em sua superioridade, não demoraram a construir narrativas que diminuía as populações com que tinham contato, construindo, assim, uma imagem preconceituosa do continente africano e de seus habitantes.

Alguns desses relatos afirmavam que a África era uma terra isolada, onde só existiam florestas e desertos habitados por animais selvagens e povos primitivos. Assim, os africanos eram tidos como inferiores, atrasados, sem escrita, história e cultura.

Essas ideias estavam equivocadas porque, desde o Egito antigo, populações africanas possuíam sistemas de escrita. Além disso, muito antes da chegada dos europeus, entre os séculos VI e XV, existiam no continente africano grupos nômades, comunidades que viviam em pequenas aldeias e outros que estavam organizados em grandes reinos e impérios, com imensas cidades e uma intensa vida urbana, com trocas comerciais com os povos da Europa, Oriente Médio e Ásia.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_polo3%ADtico_da_%C3%8frica.svg

Leia o texto do historiador Alberto Costa e Silva e responda em seu caderno:

“Nos filmes, nas histórias em quadrinhos, nos seriados de TV, nos romances, a África é sempre um continente misterioso e mágico, onde são possíveis todas as aventuras. A imagem que nos transmitem diariamente os jornais e os noticiários [...] é outra: a de uma parte do mundo assolada por secas, fomes, epidemias, guerras e tiranos.

Uma visão não desmente a outra, e ambas são incompletas. Se uma região da África foi atacada por nuvens de gafanhotos que devoraram todas as plantações e nela há fome, nas outras, a colheita se fez normalmente, os celeiros estão repletos e há abundância de comida. Se em determinado lugar há uma feroz luta armada, noutros as crianças vão regularmente à escola, de roupa limpa e sapatos lustrados. E a vida familiar transcorre normalmente sem faltar alegria. Todos trabalham e produzem”

COSTA E SILVA, Alberto. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 11



02. Segundo o texto, que imagens sobre a África são mostradas pelos meios de comunicação?

03. Para você, por que essas visões são incompletas?

04. Você já assistiu a desenhos, filmes e documentários ou leu notícias sobre a África? Como esse conteúdo foi mostrado?

Investigando...

Durante os séculos XVI e XIX, entraram no Brasil cerca de 4 milhões de africanos escravizados, a maioria falante das línguas bantas. Esses homens e mulheres nos deixaram uma importante contribuição cultural, e suas vozes podem ser ouvidas por nós até hoje. Como? Por meio da influência dessas línguas em nosso idioma. Muitas palavras que usamos têm origem no banto, ou seja, na África. Faça os exercícios abaixo em seu caderno.

05. Pesquise, em um dicionário, o significado das seguintes palavras de origem africana.

a. moleque
e. canjica

b. quitanda
f. berimbau

c. cuíca
g. quiabo

d. quitute
h. banguela

06. Pesquise outras palavras de origem africana que fazem parte do nosso idioma e monte, com a ajuda de seus familiares, um dicionário ilustrado com suas descobertas!

O Reino de Gana, a “terra do ouro”

Um dos primeiros Estados formados ao sul do Saara, o reino de Gana foi formado a partir do século IV, como resultado da luta dos povos **soniquês** contra os povos do deserto.

Sua história é bem conhecida dos historiadores, pois os árabes muçulmanos escreveram muito sobre ele, uma vez que interessavam-se em conhecer melhor o reino que controlava importantes minas de ouro.

Os habitantes de Gana praticavam a agricultura, o artesanato (cestaria, tecelagem, marcenaria, metalurgia etc.), o comércio e a exploração aurífera, atividades que garantiam grande prosperidade ao reino.

Gana era um Estado centralizado na figura do rei, chamado de **gana**, que significa “senhor da guerra”. Os reis eram considerados autoridades políticas, militares e religiosas, pois eles eram vistos como intermediários entre os homens e os deuses.

Militarmente, o reino possuía um grande e permanente exército, o que permitiu a Gana dominar aldeias e cidades vizinhas, que eram obrigadas a pagar tributos e a prestar serviços militares, em caso de guerra. Assim, pode-se observar o papel fundamental que o exército desempenhava no reino, pois, além de defender o território de ataques, assegurava a conquista de novos soldados.

No século XI, com a intensificação dos contatos com os muçulmanos, os reis e grande parte da nobreza de Gana se converteram ao islamismo, mas a maior parte da população permaneceu seguindo a religião de seus antepassados (politeístas).

O reino de Gana sofreu com inúmeras disputas e invasões ao longo do tempo. Mesmo contando com um poderoso exército, o reino foi conquistado pelos almorávidas, povo islâmico do norte da África, por volta de 1076. Os ganeses até conseguiram reconquistar sua independência, mas o reino nunca recuperou seu poderio. No século XII, Gana foi conquistado por tropas do reino de Mali.

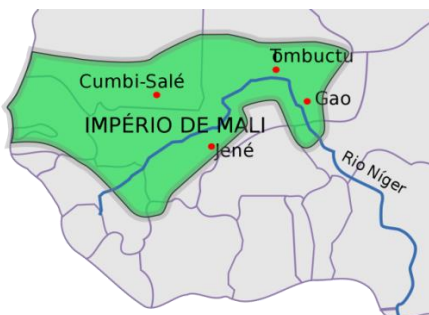


Responda em seu caderno:

07. Quais eram as principais atividades econômicas praticadas no reino de Gana?

08. Grande parte do poder dos reis de Gana devia-se ao controle sobre a mineração do ouro e também à existência de um exército permanente. Quais os papéis que o exército desempenhava no reino de Gana?

O Reino Mali



https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_mali-pt.svg

Foi nas margens do rio Níger que se desenvolveu o reino Mali. As águas desse rio fertilizavam o solo, o que favoreceu o desenvolvimento da agricultura, e eram também usadas como via de transporte.

No século XII, esse reino se fortaleceu e iniciou a conquista de territórios vizinhos. Nessa mesma época, seu soberano, denominado **mansa**, converteu-se ao islamismo. Ele era o comandante militar, político e religioso do reino, devendo receber tributos de seus súditos.

O Mali tornou-se um importante reino na região e sua expansão se estendeu até o século XIV, sobre áreas do reino de Gana e dos atuais Gâmbia e Senegal. As principais cidades malinesas eram Tombuctu, sede da monarquia, Djenné e Gaô. Diferentes etnias compunham a população do Mali, sendo a principal dela os **mandigas**.

Tombuctu foi uma das mais importantes cidades muçulmanas do período. Nela, por volta do século XII, foi criada a universidade Sankore. Até hoje, em Tombuctu, existem muitas bibliotecas. Algumas delas guardam coleções de livros e manuscritos antigos sobre medicina, poesia, gramática, religião e direito. A cidade é considerada Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.

O comércio era uma das principais atividades das cidades malinesas. Negociavam-se sal, ouro, cobre, tecidos, marfim, noz-de-cola e pessoas, que eram compradas e vendidas para trabalhar escravizadas. Além da atividade comercial, havia também a tecelagem, a cestaria, a produção de embarcações e de objetos de ferro e ouro. Praticavam-se, ainda, o cultivo de cereais, a pesca fluvial e a criação de camelos, cabras e bois.

A partir do século XV, o poder do reino do Mali entrou em declínio, por conta de invasões de populações vindas do atual Marrocos, no norte da África, e de rebeliões de povos conquistados pelos malineses.

Os griôs e a história da África

Nas sociedades africanas, a história social, política e religiosa era transmitida, em geral, por meio da tradição oral. Nelas, havia os griôs, homens que percorriam longas distâncias narrando os acontecimentos do passado. Os griôs narravam os fatos em forma de poesia, acompanhados por instrumentos musicais. Em suas viagens, eles aproveitavam para conversar com as pessoas e conhecer novas histórias, que eram incorporadas às suas narrativas.

Os griôs transmitiram seus conhecimentos por gerações, possibilitando que vários aspectos da história da África se tornassem conhecidos atualmente. Esse é o caso da história de Sundjata Keita, considerado o fundador do reino do Mali.

O texto abaixo explica por que Sundjata foi tão importante para a história malinesa. Para produzir esse texto, o historiador senegalês Djibril Tamsir Niane utilizou-se das histórias contadas pelos griôs sobre o Mali.

“Há reis que são poderosos graças à sua força militar: todo o mundo treme diante deles. Contudo, quando eles morrem, só se fala mal deles. Há outros, que não fazem nem bem, nem mal: quando morrem, são simplesmente esquecidos. Outros são temidos porque têm força, mas sabem utilizá-la e são amados porque amam a justiça. Sundjata pertenceu a este último grupo. O povo o temia, mas o amava também. Ele foi o pai do Mandinga; deu a paz no mundo. Depois dele, o mundo não conheceu maior conquistador.”



pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:GriotsSambala.jpg

**AGORA,
É COM VOCÊ !!!**



Leia os textos da página anterior e responda em seu caderno.

09. Qual era a extensão do reino de Mali e qual sua importância?

10. Explique qual o trabalho dos griôs e por que eles são importantes para o conhecimento da história da África.

11. O historiador senegalês Djibril Tamsir Niane usou as histórias narradas pelos griôs para descrever o fundador do reino do Mali, Sundjata Keita. Como ele é apresentado no texto?

Jongo: herança cultural dos povos bantos

Entre as manifestações de raiz banto presentes na cultura brasileira está o jongo, canto e dança coletivos e música, acompanhados com percussão de tambores. Foi trazido ao Brasil por bantos escravizados, tendo florescido durante a expansão da cafeicultura na região do Vale do Paraíba fluminense e paulista, na segunda metade do século XIX.

O jongo teve forte influência na formação do samba carioca e na cultura popular do Brasil, como um todo. No Rio de Janeiro, o jongo é praticado em locais como os morros do São Carlos, Salgueiro, Mangueira e, especialmente, Serrinha, local de um dos principais grupos praticantes do ritmo. O Jongo da Serrinha é reconhecido como espaço de resistência da cultura negra e de seus antepassados no Rio.

Em 2005, o jongo foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Atualmente, o jongo é praticado nas periferias das grandes cidades ou em comunidades rurais de todos os estados da região Sudeste. É chamado também de caxambu, tambor ou tambu.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Caxambu_michel_tamus_porduncula_evento.JPG



**Vamos
escrever?**

12. Faça uma pesquisa sobre o jongo e elabore um pequeno texto, em seu caderno, seguindo o roteiro proposto abaixo:

- O que é o jongo?
- O que o jongo representa?
- Onde ele se desenvolveu? Onde ele é praticado nos dias de hoje?
- Por que a preservação do jongo é importante para a cultura brasileira?



https://www.flickr.com/photos/robsom_b_sampaio/12288736386/

As civilizações da América: os Maias

Inicialmente, os maias eram povos caçadores-coletores e se deslocavam constantemente em busca de alimentos. Mais tarde, os maias domesticaram plantas e se estabeleceram na região da Mesoamérica (sul do México atual, Guatemala e parte de El Salvador, Honduras e Belize.). Os maias tinham a agricultura como base de sua economia, cultivando feijão, tomate, batata, mandioca, algodão e, principalmente, milho.

O auge do desenvolvimento da civilização maia deu-se entre os séculos IV e X, quando a população chegou a cerca de dois milhões de pessoas, distribuídas em mais de 50 cidades-estado (cidades que possuíam seu próprio governo e leis).

A sociedade era hierarquizada: a elite era composta pelos governantes que eram, geralmente, passados de pai para filho, sacerdotes e chefes militares; abaixo deles vinham escribas, escultores e pintores, que possuíam grande prestígio social. A camada social mais baixa era formada por camponeses e artesãos.

Os camponeses acreditavam que, para terem boas colheitas, era preciso pagar tributos ao governo, que consideravam sagrado. Os tributos eram pagos com trabalhos para o governo, ou com parte daquilo que eles produziam.

Nas cidades-estado maias existia um núcleo chamado de centro cerimonial, no qual estavam as principais construções – templos, monumentos políticos e as praças destinadas às celebrações religiosas – e viviam os governantes, sacerdotes, comerciantes e artesãos. O restante da população vivia em áreas distantes e frequentavam esses centros, quando queriam adquirir produtos, participar de cerimônias religiosas ou eram convocados pelo governante para participar de alguma obra pública.

A cultura maia era rica e variada. Muitos dos conhecimentos desenvolvidos por eles são usados por nós até hoje. Eles desenvolveram tecnologias em áreas como matemática, astronomia, engenharia, escultura, cerâmica e escrita. Os maias desenvolveram calendários extremamente precisos, por conta do desenvolvimento da astronomia, que possibilitava uma adequada observação da movimentação dos astros.



<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mayas.png>

Os Astecas

Os astecas viveram durante muito tempo no norte da América. Por volta do século XII, sem que se saiba precisar o motivo, eles deixaram sua região de origem em busca de novas terras. No princípio do século XIII, eles chegaram a uma ilha do lago Texcoco e, no ano de 1325, fundaram a cidade de *Tenochtitlán*.

Por meio de guerras e alianças políticas, os astecas dominaram outros povos que viviam na região. As populações conquistadas eram obrigadas a pagar tributos em alimentos, produtos ou em ouro.

Dessa maneira, os astecas, em menos de 200 anos, acumularam grandes riquezas, organizaram um exército poderoso, continuaram a expandir seus domínios e construíram um poderoso Império. O exército asteca sempre estava pronto para guerrear, fosse para conquistar novas terras, fosse para manter o controle sobre as áreas já conquistadas.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Aztec_empire_1519-pt.svg

A religião era extremamente importante para os astecas. Da mesma forma que outros povos originários da América, eram politeístas. Havia uma divindade principal: o deus sol, *Huitzilopochtli*, que era também o deus da guerra. Os astecas faziam sacrifícios humanos para agradar esse deus.

Para construir *Tenochtitlán*, os astecas precisaram utilizar apuradas técnicas de cálculo e de construção. Nela, por exemplo, se destacavam as *chinampas*, ilhas artificiais construídas sobre estacas fixadas no fundo do lago Texcoco. A fertilidade das terras pantanosas assegurava a produção de alimento para a cidade.

Os conquistadores europeus, nascidos, em sua maioria, em cidades menores, com ruas pequenas e tortuosas, se impressionaram com a grandiosidade de *Tenochtitlán*, cortada por canais, aquedutos, ruas largas e retas.

Em *Tenochtitlán*, havia um importante centro comercial, no qual eram comercializados produtos de diversas regiões, como pedras preciosas, sal, mel, pérolas, animais, produtos agrícolas, artesanato, entre outros. Esses produtos eram levados ao mercado pelos mercadores, chamados de *pochtecas* pelos astecas. Os *pochtecas* precisavam percorrer, por vezes, grandes distâncias para obter as mercadorias, motivo pelo qual conseguiam obter um bom conhecimento das regiões que visitavam.

Os Incas

Os historiadores acreditam que, enquanto procuravam por terras férteis, os incas chegaram ao interior das Cordilheiras dos Andes, em meados do século XIII, onde se estabeleceram e fundaram a cidade de Cuzco.

Aos poucos, por meio de combates e alianças, conquistaram os outros povos que habitavam a região. A partir daí, expandiram seus domínios e formaram um Império que se estendia por uma área de mais de 3 mil quilômetros de extensão.

Os incas procuravam manter relações amistosas com os povos conquistados. Por isso, permitiam que eles mantivessem diversos aspectos de sua cultura, como sua língua e religião (no entanto, deviam incorporar o *quéchua*, a língua inca, e *Inti*, o Deus Sol, a sua adoração) e até seus chefes locais, desde que jurassem fidelidade ao Inca, como era chamado o soberano do Império, e pagassem a ele os tributos devidos.



<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inca-expansion.png>

A sociedade inca era hierarquizada, com cada indivíduo exercendo uma função específica. No topo, estava o Inca, o Filho do Sol, que era visto como semidivino. Desfrutava de grande poder e privilégios, sendo seu cargo hereditário. Abaixo dele, estavam sacerdotes, chefes militares, juízes, administradores e contadores, em geral saídos da nobreza incaica e que possuíam diversos privilégios, entre eles o de não pagar tributos. Os demais homens e mulheres viviam do seu trabalho, como pedreiro, carpinteiro ou agricultor, entre outros.

Os homens adultos prestavam, em determinado período do ano, um tempo de serviço ao Inca e aos deuses, cultivando as terras deles, produzindo objetos artesanais ou construindo e reparando pontes, estradas e edifícios públicos.

O Império era dividido em regiões administrativas, controladas por governadores que deviam obediência ao imperador. As regiões do Império eram interligadas por uma ampla rede de estradas, o que facilitava a comunicação, como também o trânsito de pessoas e mercadorias.



MULTIRIO



Leia os textos sobre as civilizações da América e responda às questões abaixo em seu caderno.

- Qual era o papel dos centros cerimoniais na sociedade maia?
- Explique qual a função do exército na sociedade asteca.
- A sociedade incaica era hierarquizada ou igualitária? Explique.
- Como eram feitas as construções dos incas?

Renascimento Cultural e Científico

O Renascimento é definido pelos historiadores como uma revolução artística que ocorreu na Europa Ocidental, a partir do século XV. No entanto, precisamos reconhecer que o movimento foi muito mais amplo e atingiu outras áreas do conhecimento humano.

No período, ocorreram muitos avanços científicos e mudanças no campo das ideias, incluindo a maneira de se pensar o homem e o mundo. Pensadores passaram a observar os astros e planeta, e questionaram a ideia, defendida pela Igreja, de que a Terra era o centro do universo. Outros começaram a defender a capacidade do homem de pensar por conta própria e a liberdade de consciência, como valores importantes para o ser humano.



Na época do Renascimento, as artes e as ciências deixaram de ser monopólio da Igreja, promovendo-se, assim, uma cultura mais laica, ou seja, não vinculada aos valores da religião e do clero. No campo artístico, no qual as transformações da modernidade foram mais evidentes, houve a retomada de temas da Antiguidade greco-romana. Já no campo científico, estimulou-se a experiência e a observação, o que transformou a forma de ver e de pensar o mundo na Europa ocidental.

A expressão **Renascimento**, que significa “nascer de novo”, foi criada pelo italiano **Giorgio Vasari**, no século XVI. Arquiteto, pintor e escritor, ficou conhecido por escrever biografias de artistas italianos. De acordo com Vasari, a produção artística da antiguidade greco-romana havia renascido no século XV, após a Idade Média.

Principais características do Renascimento:

Valorização da antiguidade greco-romana – as obras de gregos e romanos eram vistas como inspiração e modelo pelos cientistas e artistas renascentistas;

Antropocentrismo – ao contrário do pensamento medieval, no qual predominava o Teocentrismo, isto é, onde Deus era o centro de tudo, o pensamento renascentista irá colocar o ser humano em uma posição de centralidade, destacando-o como um ser criativo e capaz de produzir conhecimento e transformar a realidade. Logo, as conquistas e fracassos do homem eram resultados de suas ações, e não um desígnio divino;

Individualismo – ao contrário do uso negativo que, em geral, atribui-se atualmente a palavra, os renascentistas viam o individualismo como positivo, pois estava relacionado para eles como a capacidade de talento e criatividade individual;

Nova visão de mundo – diferente do pensamento medieval, que entendia que o tempo pertencia a Deus, os pensadores do Renascimento defendiam que o tempo pertence ao homem, que deve ter a liberdade de decidir usá-lo, para experimentar, conhecer e até mesmo enriquecer.

Racionalismo – embora fossem cristãos, os renascentistas buscaram separar a fé da razão, procurando explicar fenômenos da natureza e acontecimentos sociais por meio do racionalismo, valorizando o raciocínio humano.



Responda em seu caderno:

17. Explique, com suas palavras, o que foi o Renascimento Cultural e Científico.
18. Escolha três características do Renascimento e explique-as.

O Humanismo

Na Idade Média, o ensino universitário era voltado basicamente para o estudo de três áreas: Teologia, Direito e Medicina. Esses centros de estudo eram fortemente influenciados pela Igreja e o conhecimento era baseado no princípio da autoridade, isto é, bastava que um doutor da Igreja, ou alguém apoiado em suas ideias, formulasse uma afirmação para que ela fosse tomada como verdadeira.



Opondo-se às verdades da Igreja, os humanistas, como ficaram conhecidos posteriormente esses estudiosos, deram início a uma reforma educacional, a partir do estudo de autores antigos – gregos e romanos – para a construção de um novo conhecimento do homem e do mundo. Para compreender melhor os textos antigos, os humanistas se dedicaram ao estudo das línguas clássicas, como o grego e o latim. A partir disso, traduziram e divulgaram obras de literatura, filosofia, matemática, história etc.

De acordo com os humanistas, os homens, recebendo a educação adequada, seriam capazes de criar, controlar e transformar a natureza. Da mesma forma, seriam capazes de descobrir os mistérios da natureza, da humanidade e até do universo, não sendo meros espectadores dos acontecimentos que Deus “planejou”. Para isso, propunham a renovação dos padrões de ensino e dos currículos das universidades.

Pouco a pouco, o termo humanista, utilizado inicialmente para se referir aos estudiosos que defendiam a reforma dos currículos universitários, passou a ser usado para falar de todos – escritores, professores, arquitetos, religiosos e cientistas, entre outros – que se opunham ao domínio cultural da Igreja e se esforçavam para criar uma nova cultura, onde o uso da razão e da experiência eram os caminhos para se chegar à verdade.

Portanto, os humanistas propunham uma nova educação, que tivesse como base a crítica dos textos, o estudo das línguas e das ciências, a observação da natureza, o uso da razão e a experiência. Nesse sentido, para eles, a formação intelectual devia ser baseada no conhecimento adquirido por meio de experimentos científicos.

Além de expandirem-se pelas mais diversas áreas, buscando descobrir o funcionamento e a razão de ser de todas as coisas, os humanistas procuraram, por meio de seus escritos, melhorar a sociedade em que viviam.

A palavra **humanismo** vem do latim *humanus* e significa cultivado ou culto. Assim, queria-se reforçar a ideia de que homens e mulheres não nascem humanos, mas são humanizados por meio da educação.

A formação das Monarquias absolutistas

Na Europa, a partir do século XI, com o crescimento da produção agrícola, houve um crescimento das cidades e das atividades comerciais, com produtos agrícolas e artesanais sendo comercializados entre os feudos e até com povos de outros continentes.

Nesse cenário, surgiu um novo grupo social, a burguesia, formado basicamente por comerciantes, banqueiros e artesãos, que, pouco a pouco, foram exercendo cada vez mais influência sobre a economia feudal. As cidades se tornavam importantes centros de comércio e os burgueses, com isso, adquiriam mais autonomia frente ao poder dos senhores feudais. Essas transformações sociais foram parte do que se costuma chamar de **crise do sistema feudal**.

Nesse contexto de crise do feudalismo, nobres, burgueses e camponeses, por motivações diferentes, foram se aproximando e buscando apoio e proteção dos reis.

Os burgueses, percebendo a importância da monarquia para o crescimento dos seus negócios, passaram a apoiar os reis com doações e empréstimos, para estimulá-los a adotar medidas que favorecessem as relações comerciais. O sistema feudal impunha muitas dificuldades ao comércio por conta, por exemplo, da falta de uma moeda única, como também por não existir um sistema unificado de pesos e medidas.

Os monarcas, então, passaram a favorecê-los, por meio de medidas que beneficiavam os negócios burgueses e de leis que protegiam as atividades comerciais. O aumento do comércio gerou um crescimento na arrecadação de impostos, que acabava por favorecer o acúmulo de riquezas por parte dos reis.



Os nobres, por sua vez, ao perderem poder no processo de crise do feudalismo, temendo a ocorrência de revoltas camponesas, também se aproximaram dos reis, buscando assegurar a manutenção do domínio sobre suas terras, manter privilégios, receber pensões e conseguir altos postos na administração real. Por outro lado, os camponeses passaram, cada vez mais, a ver os monarcas como capazes de protegê-los dos abusos da nobreza.

Dessa forma, por meio de empréstimos, doações, arrecadação de impostos e vendas de cargos, os reis conseguiram recursos para montar um exército permanente e manter um quadro de funcionários para administrar seus domínios.

Assim, no lugar dos feudos isolados, surgiram na Europa reinos centralizados, isto é, grandes extensões territoriais, com leis comuns, uma única língua e moeda, e com uma religião oficial, administrados por um governo que impunha, pela força da lei, dos seus exércitos ou pela ação dos seus funcionários, sua autoridade sobre todos os seus súditos.

Esse processo de fortalecimento e concentração de poder nas mãos dos reis, ocorrido entre os séculos XVI e XVIII, foi chamado de **absolutismo**. No **absolutismo**, o poder estava concentrado na figura da autoridade real. Os monarcas podiam fazer leis, criar tributos, convocar o exército e declarar guerra a outros reinos.

No entanto, isso não significa que ele governava sozinho ou que podia exercer sua vontade de forma ilimitada. Ele tinha seu poder limitado pelos costumes e direitos dos povos e pela tradição. Além disso, parte desse poder era partilhado e exercido pelas pessoas nomeadas pelo rei para cuidar das finanças, elaborar leis e comandar os exércitos. Porém, a última palavra em todos os assuntos sempre cabia ao monarca.

A expressão **absolutismo** foi criada no século XVIII, por pensadores críticos ao poder do rei e aos privilégios da nobreza e do clero.

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rigaud_Louis_XIV_1701.jpg



Luís XIV, rei da França, é considerado, por muitos estudiosos, como o modelo do monarca absolutista

França, Inglaterra, Espanha e Portugal vivenciaram o absolutismo monárquico de forma mais intensa. No entanto, em cada uma dessas regiões, a monarquia absolutista se desenvolveu de forma diferente, com um tempo e ritmo próprios.

Além disso, é importante observar que o absolutismo monárquico não ocorreu em toda a Europa. Na Península Itálica e no território da atual Alemanha, por exemplo, continuaram a existir numerosos condados, ducados, principados e cidades, com diferentes graus de autonomia. Já nos Países Baixos, constituiu-se uma república governada por comerciantes enriquecidos.

AGORA 😊
é com você !!!

Responda em seu caderno:

19. Quais condições favoreceram a concentração do poder político dos reis?
20. Quais as características das monarquias absolutistas?
21. Com base no que você aprendeu, apesar do nome, o poder dos monarcas era realmente absoluto? Explique.

Os teóricos do absolutismo

Enquanto os monarcas impunham seu poder, alguns pensadores se dedicaram a criar explicações teóricas, que procuravam justificar o poder absoluto dos reis. Entre esses escritores, cabe destacar:

- O diplomata florentino **Nicolau Maquiavel** (1469-1527), em sua obra *O príncipe*, de 1513, defendia a construção de um governo forte, independente da igreja e dirigido de maneira absoluta pelo príncipe. Ao discutir as estratégias para que o governante mantivesse o poder sobre seus súditos, Maquiavel defendia que o soberano devia lançar mão de quaisquer meios, ainda que injustos e violentos, para manter seus domínios em ordem e segurança. Dessa forma, separava-se a moral pública (governo) da moral religiosa.



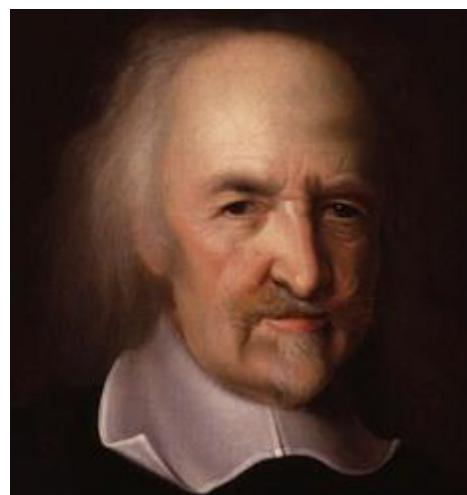
<https://www.gettyimages.com/detail/portrait/portrait-of-niccolò-machiavelli-by-sara-cotroneo>



<https://www.gettyimages.com/detail/portrait/portrait-of-jacques-bossuet-by-louis-voisin>

- O bispo francês **Jacques Bossuet** (1627-1704), autor de *A política tirada da Sagrada Escritura*, formulou uma teoria do absolutismo apoiada na Bíblia, a teoria do Direito Divino dos Reis. O bispo afirmava que o poder do rei era absoluto por ter origem divina, ou seja, o rei era o representante de Deus na Terra. Logo, se alguém traísse o monarca, estaria traindo a Deus. Além disso, as atitudes e ordens do monarca não necessitavam de explicação. Somente Deus poderia julgar o rei. Apesar disso, esperava-se que o “bom” soberano governasse para promover o bem do povo.

- O filósofo inglês **Thomas Hobbes** (1588-1679), autor de *Leviatã*, afirmava que, nas sociedades ditas primitivas, os homens viviam em estado natural e que, por sua natureza má e egoísta, viviam em constantes guerras e matanças, procurando assegurar sua própria sobrevivência. Para por fim aos estado de permanente conflito, os homens celebraram um acordo, um contrato social, no qual abriam mão de parte de seus direitos e liberdades em favor de soberano forte, que pudesse anular os conflitos e, assim, assegurar a ordem e segurança no convívio social. Para Hobbes o poder absoluto dos governante era necessário para garantir a paz e o progresso da sociedade.



<https://www.gettyimages.com/detail/portrait/portrait-of-thomas-hobbes-by-john-odell>

PESQUISANDO NA REDE

Faça seu cadastro no portal da MULTIRIO e assista ao vídeo sobre as Grandes Navegações.



Acesse: <http://www.multirio.rj.gov.br/assista/index.php/1992-aula-17-grandes-navega%C3%A7%C3%B5es>



22. Faça um resumo do vídeo nas linhas abaixo para que possamos começar a entender o que foi o processo histórico chamado "as Grandes Navegações".

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.